

Ruas são caminhos para unir as comunidades

Do Rio

À princípio, as obras do PAC, tanto no Alemão como nas outras favelas do Rio, ganharam o apoio tanto dos moradores como da comunidade acadêmica que estuda o problema, embora haja reticências por parte desta. O sociólogo Michel Misso, professor de pós-graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), disse que a obra "é o caminho, mas não resolve tudo".

Segundo ele, entre os pontos mais positivos da obra estão a abertura de ruas para permitir a sociabilização das comunidades e a promessa de dar títulos de propriedade aos moradores. "Melhora a vida, melhora as condições de patrulhamento (policial), agora, imaginar que vai acabar com o tráfico, é outra história", disse. Para, Misso, o tráfico vai sobreviver "onde houver mão-de-obra disponível e que aceite um certo estilo de vida", independente das características urbanas da comunidade.

De acordo com o sociólogo, os estudos mostram que 90% dos jovens vulneráveis das favelas não entram para o tráfico, nem para qualquer outra atividade criminosa. Ainda assim, ele acha que 10% é muito e avalia que, além dos aspectos de pobreza e de características urbanas, há um estilo de vida que dissemina a violência, em qualquer lugar do mundo, independentemente desses fatores. "Se não houvesse o tráfico, haveria gangues", diz. Ainda assim, ele reafirma que o caminho que está sendo tomado é correto para reduzir esses 10%. "Amanhã, esses 10% podem cair para 5%, para 3%..."

A também socióloga Maria Lais Pereira da Silva, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense e autora do livro "Favelas Cariocas - 1930-1964", ressalvando que não acompanha o tema de perto, disse que a integração das obras de urbanização nas favelas com as políticas urbanas para a cidade como um todo é "fundamental". Ela dis-

se que a "sustentabilidade", aqui entendida como a manutenção e aprofundamento das melhorias feitas, é outro aspecto importante para avaliar o sucesso das políticas urbanas para as favelas.

Maria Lais também acha que a urbanização ajuda a combater a violência e admite que o tráfico tornou-se "um ator importante" no contexto das comunidades faveladas. Mas ela se disse incomodada com o fato de as pessoas "só olharem a favela sob a ótica da violência". Segundo ela, isso atrapalha as análises dos problemas "e tem esse caráter estigmatizante".

O estigma mencionado pela socióloga é, segundo o vice-governador Pezão, um dos maiores desafios a serem enfrentados com as obras do Alemão. "Lá tem gente que diz que depois da morte do (jornalista) Tim Lopes, não consegue mais emprego nem na Barra da Tijuca (bairro distante do Complexo) quando fala que mora no Complexo do Alemão."

Com o objetivo de levar a cida-

de para mais perto do Complexo, o governo do Rio estuda oferecer um incentivo fiscal para atrair para as proximidades do Alemão empresas que querem se instalar, até utilizando áreas industriais ociosas de empresas que deixaram a região fugindo da violência. O projeto prevê a instalação, tanto no Alemão como nas demais comunidades beneficiadas pelo PAC, de centros de estudos profissionalizantes que irão preparar mão-de-obra para essas empresas.

Expectativas e restrições à parte, é fato que os próprios moradores da área têm na cabeça a expectativa de combate à violência quando vêm as obras. Geraldo Dutra Bernardo, 62 anos, mora em uma boa casa na rua que dá acesso à favela da Grotinha, a primeira a receber a rede de esgotos do PAC. Ele tem esperança de que sua casa, originalmente localizada em um loteamento fora da favela, volte a se valorizar. Mas tem uma esperança maior: "Pelo menos vai acabar a maldição dessa violência." (C.S.)